

Carlos Azevedo Filho (Org.)



Cidade Velha, Novos Cronistas



«Porque tudo se renova. E por que não sonhar com um centro revitalizado, renovado. Por enquanto, apresentamos a você leitor essas novas vozes do jornalismo. vozes que clamam também pela revitalização do coração da cidade. Vozes que não se calam.»

Carlos Azevedo Filho

Carlos Azevedo Filho
Organizador

Cidade Velha,
Novos Cronistas

Ideia – João Pessoa – 2024

Todos os direitos do organizador.
A responsabilidade sobre textos e imagens são dos autores.

Apoio Cultural



Sicredi Creduni
Instituição Financeira Cooperativa

Capa/Diagramação
Magno Nicolau

Conselho Editorial

Marcos Nicolau – UFPB
Roseane Feitosa – UFPB – Litoral Norte
Dermeval da Hora – Proling/UFPB
Helder Pinheiro – UFCG
Hildeberto Barbosa Filho – UFPB

Ilustração da capa: Arquivo do organizador

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C568 Cidade velha, novos cronistas [recurso eletrônico] /Carlos Azevedo Filho, organizador. Dados eletrônicos. – João Pessoa: Ideia, 2024.
1.5 mb pdf.
ISBN 978-65-5608-544-9

1. Literatura brasileira - crônicas. 2. Crônicas brasileiras – João Pessoa – Paraíba – Brasil. 3. Escritores – cronistas. 4. Escritor paraibano. I. Azevedo Filho, Carlos.

CDU 82-94

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB15/810

ideia
EDITORA

www.ideaeditora.com.br
contato@ideaeditora.com.br

Sumário

No centro da crise, novamente	8
Prof. Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho (UFPB)	
Crônica do silêncio	11
Angélica Gouveia	
Memorabilia familiar num exame de vista	13
Hugo Ximenes	
Alimento da Alma	17
Maria Isabel Cabral de Pontes	
<i>Frances Ha</i> no Sabadinho	20
Carolina Azevedo Borges	
Entre margens e ruas	23
Maria Vitória de Souza Oliveira	
O que podemos encontrar nas ruas do centro	27
Madu Azevedo	
O Rei do Baralho	32
Diego Arruda	
A grama verde da Lagoa	34
Matheus de Sousa Morais	
A leitura como uma dança silenciosa	36
Emelly Sabrina S. de Sá	

Sessão das 10.....	38
Gabriel Victor Gomes Costa	
O sol se põe para Maria	40
Letícia Silva	
O menino perambulante	43
Leila Maria	
O Filme que Voou	48
Maria Laura	
O centro pelo olhar de uma criança	50
Pedro Quaresma	
O último ato: despedida do Espaço Mundo	52
Luane Monteiro de Araújo	
Entre ruas de pedra e ritmos antigos: a magia do carnaval.....	54
Gustavo Lipe Santos Dourado Silva	
Nosso lugar é onde a gente está	56
Débora Luz	
O teatro Santa Roza - entre suspiros e assobios	60
Camila Ellen de Lima Quirino	
Monumento despercebido.....	62
Gabrielly Kawany	
A teia da aranha ruiva.....	66
Lucas Andrade	
“Igualitocracia”	70
Valber Adelino	
Luta central do cotidiano	72
Matheus Henrique Araújo	

Renascimento do Parque Solon de Lucena	74
Monalisa Alves Aguiar	
O ciclo da vida.....	76
Eduarda Darwiche	
As novas cores da vida.....	79
Thalyta Maria Lucena Luiz	
Hotel Globo: um olhar melancólico sobre o passado	82
Clara Amaral	
Ele já esteve aqui	85
Débora de Freitas	
O limbo entre ser e o não ser	88
Lóren Stayner	
A maior pré-ocupação do mundo	92
Julia Batista	
Cidadão honorário.....	94
Vitória Lisboa	
Paraíba Palace	96
Alice Joplin	
<i>Brownies</i> normais	99
Vitória Sodré	

No centro da crise, novamente

Prof. Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho (UFPB)

Oficina de Jornalismo Impresso

O ano era 2016. Eu tinha recebido o convite para coordenar uma disciplina chamada Oficina de Jornalismo Impresso, ministrada aos alunos do quarto período. Uma das recomendações era não tirar os alunos de dentro do campus, porque o mundo lá fora era muito “perigoso”. A disciplina era responsável pela construção de um jornal com mais de 40 anos de história chamado Questão de Ordem. Pelo veículo, passaram vários nomes da imprensa de hoje, que tiveram os primeiros escritos publicados no jornal-laboratório.

Uma das coisas gostosas da universidade é a autonomia. E foi baseado nessa autonomia que resolvi “desobedecer” e levar os alunos para aulas de campo fora da UFPB. Mas antes que isso acontecesse foi preciso muito planejamento. Durante umas duas semanas a gente funcionou como uma redação preparando nosso trabalho, dividindo equipes, atribuindo tarefas etc. E o maravilhoso dia de todo mundo se encontrar no centro da cidade

de João Pessoa ficou na minha cabeça. Claro que tínhamos medo de alguma coisa dar errado.

Era 2016, no mundo fervilhavam guerras como a da Síria, um sujeito estranho chamado Donald Trump ganhava a eleição nos EUA, atentados pipocavam na Europa, um furacão varria o Haiti, um terremoto no Equador. O mundo parecia uma grande crise. E por aqui no país, a presidenta Dilma Rousseff sofria um impeachment em agosto, quando o Senado Federal aprovava por 61 votos a 20 a destituição da primeira mulher a comandar nossa República. E ao percorrer as ruas do centro da cidade de João Pessoa os alunos notaram que tínhamos muitas lojas fechadas, placas de vende-se ou aluga-se multiplicavam-se. O próprio centro da cidade que um dia distante esteve bem cuidado degradava-se um ritmo alucinante. Um dos alunos teve a ideia de colocar como manchete o título “No centro da crise”. Uma crise política e econômica que varria o mundo e também se instalava no centro da cidade.

Passados quase oito anos, retornamos ao mesmo centro da cidade com outra turma de alunos do curso de Jornalismo da UFPB. Cidade barroca, de ruas apertadas, desenhadas para o trânsito de carroças. Cidade em que o centro morre lentamente por abandono pelo ineficiente poder público local. Num dia de chuva, ainda em 2023 a gente marcou a primeira aula no centro, no mesmo local. Ocupamos literalmente uma das mesas do

Carlos Café, um dos poucos lugares de tradição que ainda resistem.

Um mapa foi mostrado, lembrando que a cidade que nasceu às margens do rio rapidamente abandona seus casarões, cinemas, clubes de baile e vai crescendo rumo ao mar. Uma cidade em que as periferias e os bairros populares como Valentina e Mangabeira expandem o território para o Sul. E também uma cidade que aos poucos vai crescendo rumo à Cabedelo, no outro extremo. E o centro na mesma ou na pior, degradado, degradação humana e arquitetônica. Dependentes químicos, pedintes, moradores de rua agora fazem parte de um cenário desigual. As casas antigas são comidas pelo tempo e pelo abandono. E a crise não saiu do centro, o centro em crise.

O que você vai encontrar nesse pequeno livro é parte de nosso trabalho feito na disciplina Oficina de Jornalismo Impresso, entre o final de 2023 e início de 2024. Na disciplina, os estudantes produziram diversos gêneros textuais como a crônica, a reportagem, os perfis, as entrevistas. Quando eu lia as crônicas como professor, já visualizava intuitivamente esse livro, essa pequena utopia. E foi assim que eu criei também o título. Cidade velha, novos cronistas. Por que tudo se renova. E porque não sonhar com um centro revitalizado, renovado. Por enquanto, apresentamos a você leitor essas novas vozes do jornalismo. Vozes que clamam também pela revitalização do coração da cidade. Vozes que não se calam.

Crônica do silêncio

Angélica Gouveia

Ssssilêncio. O silêncio em João Pessoa é diferente do silêncio de Recife. Lá o som é rei, lá nenhum silêncio é absoluto.

Um domingo em João Pessoa num bairro comum pode ser tão silencioso quanto aqueles dias tristes de isolamento social. Siiiiilêncio. Amanhece. A rua segue quieta, as crianças estão dormindo. Um ou outro passeando com o seu cachorro. Poucos passos. Muito silêncio.

Alguns vão para a praia, outros vão almoçar com seus parentes. Um pouco de som surge. Nas praias ele aumenta, mas quanto mais para dentro vamos mais silêncio temos. Dentro é silêncio.

E então quando a tarde chega ele aumenta. E o tom melancólico de um domingo silencioso se instaura.

Quando digo que moro em João Pessoa, as pessoas sempre elogiam a calma da cidade e eu, que vivo há muitos domingos aqui, sempre digo: é até demais.

Memorabilia familiar num exame de vista

Hugo Ximenes

Meu olhar jamais passou incólume ao casarão que pertencera a minha família paterna. Não dista muito das águas turvas da Lagoa, onde desembarquei. O imponente sobrado, encravado no coração do Tambiá, ali queda inerte, observando com a paciência de um patriarca bíblico o entorno que se metamorfoseia. A turbidez da memória se dissipou quando o avistei, encolhido entre o concreto implacável de um centro comercial. A imponência de outrora se diluía na mesmice urbana, mas suas paredes ainda reverberavam ecos de um passado longínquo.

Para mim, a mais concreta materialização do "estranho familiar" de que fala a Psicanálise, conquanto já não mais ostentasse feições de lar desde que os herdeiros resolveram aliená-lo ao novo empreendimento ali erigido, um centro de compras cujo paredão de

concreto o imergiu na penumbra. Tombado pelo patrimônio histórico, não o puderam derrubar, mas o despojaram dos jardins que, virentes, circunscreviam-lhe o terreno. Insatisfeitos, pasteurizaram-lhe a fachada para abrigar um complexo de consultórios médicos que recendiam a éter.

Naquela consulta oftalmológica, as gotas de fenilefrina não apenas me dilataram as pupilas. Por força da midríase induzida, minha retina como que restou exposta a cenas familiares ocultas sob as camadas do tempo. Cerro os olhos e fito a casa em que nasceu meu avô. Da prole, ele fora o sexto e penúltimo. Vejo passar diante de mim a criança miúda que chegara prematura, servindo-lhe de incubadora os avós maternos. Com desvelo incansável, os velhinhos alternavam-se sob grossas cobertas para que se não dissipasse o calor vital.

Vejo o patriarca diante do escrínio. Antônio Clímaco relegara ao olvido as raízes sefarditas e se rendera ao calvinismo professado por Adélia, quiçá mais atraído pelas benesses da união que pelo desejo. Vejo uma família que vive asceticamente, congregando devotos e incréus: prosperidade como signo exterior de predestinação. Ouço o murmúrio de conversas familiares

e o entra-e-sai de serviçais que deixam rastros da passagem do tempo.

No vencer dos anos, os filhos se casam e as filhas se dão em casamento. Eis que, ao pé do piano, vislumbro minha avó recém-chegada ali, a dedilhar as notas lépidas de um tango uruguaio. Rosa imarcescível, ela fugira do internato católico para unir-se em matrimônio. Testemunhei sua fronte aflita, olhar que trazia inscrito o receio de um porvir desconhecido, e a sororidade que irrompia para com Lindalva, a cunhada insubmissa que mais tarde amadrinharia meu pai.

O efeito do colírio se desvanecia. Olhei ao redor e, de súbito, já não avistei mais ninguém. Todos se foram dali, à exceção da tia-avó mais velha que, desquitada, tornara à casa paterna com os filhos ainda infantes, sob o voto de não mais conhecer homem algum. Teriam ido veraneiar? A última lembrança talvez seja a do semblante absorto de minha distímica bisavó, que retornara da clínica no Recife e se postara à janela para aspirar as lufadas cítricas de um limoeiro, ainda com marcas de eletrodos gravadas em suas têmporas.

"Senhor?", acenou-me a recepcionista, agitando as mãos a meio palmo de mim. "Siga para a sala de exames,

última porta no corredor, à direita. O doutor já lhe aguarda no oftalmoscópio".

Ainda aturdido pela natureza misteriosa daquelas visões, fiz o caminho inverso. Ao sair do casarão, senti um vazio imenso. "Nada daquilo era meu, nem eu o queria". Enquanto o presente recobrava seu lugar, lancei um último olhar à fachada, que agora parecia um espectro do que fora. Aquelas paredes, transbordantes de histórias que um dia me foram contadas, converteram-se afinal num sepulcro de lembranças, memorabilia familiar encerrada num casulo de nostalgia, que resiste à voracidade do tempo e ao progresso impiedoso que busca apagar suas marcas, um último bastião contra o esquecimento.

Alimento da Alma

Maria Isabel Cabral de Pontes

A menina parada em pé no ponto de ônibus sente uma espécie estranha de conforto em saber que carrega um livro dentro da bolsa. Não há razão aparente para tal sensação. É apenas um livro como outro qualquer, feito de papel, tinta e algumas palavras. Durante a pressa e a necessidade de cumprir com todos os afazeres que o seu dia exige, ela chega até mesmo a esquecer de reservar um tempo para lê-lo. Carregar o livro consigo não deveria fazer tanta diferença.

Ainda assim, faz. Talvez porque o livro tenha sido o primeiro amigo que a menina pôde chamar de seu, a primeira voz na qual ela encontrou identificação, o primeiro amor que não a decepcionou. Ou talvez se deva ao fato de que ela pode contar com o livro sempre que precisar de um momento para ficar sozinha, imersa na solidão de seus pensamentos, sem que as pessoas ao seu redor se perguntem o porquê de ela estar tão calada.

A verdade é que talvez não haja razão e o livro seja apenas um peso confortável de se carregar. Um objeto aleatório para fazer volume na bolsa, ou para se levar em mãos de vez em quando e mostrar para os outros o quanto ela é intelectual e possui hábitos frequentes de leitura. Há tantas possibilidades.

Horas depois, já no trabalho, em sua pausa para o almoço, a menina esquentava sua comida e vai se sentar à mesa para comer. No entanto, antes de sequer dar a primeira garfada, ela se recorda de algo importante que esqueceu: o livro, ainda dentro da bolsa, deixado em sua mesa no escritório. Sem hesitar, ela corre até sua sala, tira o livro da bolsa e o leva consigo para o intervalo de almoço. Ninguém se senta à mesa com ela, mas não há como se sentir triste ou solitária. Não quando tem o livro ao seu lado, ao alcance das mãos.

Ao terminar de comer, um senhor com o qual a menina nunca havia falado acenou na direção dela e disse:

— Achei estranho quando você saiu correndo e deixou seu prato de comida abandonado em cima da mesa — comentou ele, com um sorriso que enfatizava as rugas ao redor de seus olhos gentis. — Mas quando te vi voltando com o livro nas mãos, entendi tudo: você tinha

lembrado de trazer o alimento para o corpo, mas esquecido do alimento da alma!

E, simples assim, o estranho conforto que a menina sente por carregar o livro aonde quer que vá se explica. É como se aquele objeto, singelo como era, feito de papel e tinta, fosse o combustível para o espírito da menina continuar seguindo em frente, respirando e se nutrindo.

Depois que seu expediente acaba, ela termina o dia no mesmo lugar onde começou: de pé na parada de ônibus da Lagoa. A espera não é exatamente longa, mas parece levar uma eternidade. Quando o transporte cujo número simboliza sua volta para casa finalmente chega, a menina suspira de alívio e não demora a se juntar ao grupo de pessoas que, assim como ela, esperam ansiosos para voltar para casa. Contudo, diferente deles, a menina tem um motivo a mais para ansiar: enquanto estiver no ônibus em seu trajeto a caminho de casa, ela vai retirar seu estimado livro de dentro da bolsa, abri-lo e lê-lo, por fim encontrando paz para seus pensamentos confusos e alimento para sua alma.

Frances Ha no Sabadinho

Carolina Azevedo Borges

Vagando por essa cidade desconhecida, minha mente se perde em lembranças procurando algo familiar e a encontro em ternos pensamentos. Éramos amigas há anos. Recordo-me com carinho dos momentos que compartilhamos: suas sobrancelhas dançando em seu rosto expressivo, as tardes no sofá quando ela recitava trechos de livros pra mim, o caos adorável que reinava permanentemente em seu quarto, as piadas internas que só eram engraçadas para nós duas.

Se estivéssemos na minha cidade natal, seria um breu essa noite. Já aqui, no centro mesmo em dia útil, a agitação persiste. Sinto falta da tranquilidade da minha “cidade dos aposentados” embora desejasse que fosse tão vibrante quanto as metrópoles, agora anseio pela calma que ela oferecia. Lembro de quando andávamos de ônibus por João Pessoa e ela deitava a cabeça no meu ombro. E agora, aqui estou procurando o metrô, cercada

por pessoas e seus olhares distantes e inexpressivos. Às vezes penso o que teria sido da nossa vida se Frances tivesse ido a minha festa de despedida. Secretamente desejava que ela me desse um motivo para ficar e não me mudar com meu marido.

Tenho atualizado meu *blog* de viagens na esperança que aquelas fotos signifiquem minha felicidade, tenho escrito todos dias e guardado para mim, ainda não esqueci do futuro que criei com a Frances, ainda tenho muitas aspirações literárias, mas parece que aqui não tenho inspirações, parece que estou aversa a qualquer manifestação de vida. Pra mim, a confirmação disso veio quando um coração a mais tentou pulsar dentro de mim mas, involuntariamente, foi interrompido antes mesmo de começar. Senti envolta por uma solidão avassaladora. Tornar-me menos do que eu era antes foi doloroso, não suportava imaginar o que teria sido se tivesse esta criança com meu marido

Assim seguindo o desejo de escapar da minha realidade, retornei buscando as pessoas que deixei, e a mim mesma. Encontrar Frances novamente, finalmente indo atrás dos próprios sonhos, enquanto eu retorno ao lugar onde eu nunca deveria ter saído. Neste fim de semana ela vai tocar no sabadinho e era isso que ela tanto

quis com suas aspirações musicais. Sempre íamos juntas e dessa vez foi diferente pois ela já estava lá, tocando e cantando. Vi e a admirei carinhosamente junto a um público faminto por movimento, que não paravam de dançar e cantar.

Depois dela terminar a apresentação, estávamos distantes, em grupos diferentes, aproveitando nossa noite e nos completando com as pessoas que estavam à nossa volta. Por instantes, senti estar em um mundo secreto, mas que existe ali em público. É o que acontece quando você está com alguém e ama a pessoa. E ela sabe disso. E a pessoa te ama e você sabe disso... Mas é o sabadinho e ambas estavam falando com pessoas diferentes, e você olha através da multidão e seus olhos se encontram, não de forma possessiva ou sexual, mas porque aquela é sua pessoa na vida. Percebo que estar aqui é o que quero. Ainda desejo escrever um livro sobre ela.

Entre margens e ruas

Maria Vitória de Souza Oliveira

No ensino fundamental, eu tive uma professora de Geografia que me disse que tudo que não era o centro em uma cidade, era margem. Eu nasci e me criei na margem de uma cidadezinha do sertão de Pernambuco. O centro para mim tinha cheiro de fruta, fervura e roupa nova.

Quando me mudei para João Pessoa e comecei a estagiar em um escritório de advocacia no centro da cidade, eu cortava o Centro Histórico dentro do ônibus. Acho que foi nessa época que criei a sensação de pertencimento na cidade que não me pariu. Eu preferia ficar 30 minutos a mais no coletivo só para poder admirar as cores e os odores do espatifado Centro Histórico pessoense. Agora, o cineasta Kleber Mendonça Filho no seu filme *Retratos Fantasmas* consegue me explicar exatamente aquela sensação diária. Ele diz que o centro de uma cidade pode lembrar muitas outras cidades. Eu

concordo com Kleber. O centro de uma cidade pode lembrar de outras, inclusive dela mesma.

Às vezes, quando eu dava sorte de pegar um ônibus vazio, gostava de me sentar no banco próximo da janela para me sentir mais perto da rua e porque, era ali que eu descobria a história de uma cidade inexplorada por mim. Eu gostava de olhar os pixos e os grafites. Tinha um, especialmente, que era o meu ponto de referência para me localizar e saber quanto tempo faltava para eu descer. O *design* era vernacular, fino e preto. As letras variavam de tamanho numa indecisão entre maiúscula ou minúscula que no fim gritavam juntas: Fora Temer! Eu gostava daquele pixo, porque, além de ser quase minha bússola fixa, também falava sobre um tempo em que eu não existia aqui nessa cidade. Quando olho para o Centro Histórico, percebo que não sou apenas eu que está ali presente. É como se eu fosse uma espectadora de uma longa história, um receptáculo aglutinador de todas as trajetórias que por ali passaram. Como naquela canção dos “Novos Baianos”, sinto que deixei algo da minha essência ali e, ao mesmo tempo, recebi algo em troca.

Cada grafite ou pichação na parede me transporta para uma época que não vivi, mas que de alguma forma me torna parte dela. Até hoje lembro da sensação ao ver

uma figura andrógina pintando outro grafite em cima daquele que me guiava há meses. É como se a cidade estivesse sempre em transformação, como disse Kleber, e eu, mesmo que por um curto período de tempo, tenha testemunhado essa metamorfose e me transformado junto dela. A conexão intuitiva estabelecida entre a casa como núcleo íntimo do espaço pessoal, o bairro como unidade ampliada de convivência coletiva, e a cidade, como a totalidade do ambiente compartilhado, encontra seu vínculo na figura materna, seja ela real ou idealizada por nossa percepção. Esta figura também desempenha o papel de mediadora entre o passado e o futuro de nossa experiência, principalmente urbana.

Minha última parada era o Mercado Central. É aqui, portanto, onde mora o beijo final, o *happy end*. Apertava o estridente sinal sonoro e a porta se abria. Descia, por tabela, junto de alguns senhores que iam jogar papo fora no mercado e umas senhoras que estavam sempre segurando sacolas e andando com pressa. Parte do 304 se esvazia num estalo, para encher de novo num piscar de olhos assim que a outra porta se abria. Vestia o blazer e conferia se a roupa não tinha amassado no

trajeto. Andava até o escritório e torcia para que no dia seguinte, eu ainda encontrasse os vestígios da cidade que eu plantei para mim.

O que podemos encontrar nas ruas do centro

Madu Azevedo

Elas abrigam departamentos, imigrantes, placas de promoção. Na correria do dia a dia, panfletos são entregues por pessoas, mas largados na próxima lixeira à frente. Quando criança, amava as manhãs de sábado, quando minha mãe ia ao centro comprar materiais de costura para a semana.

Como em um ritual, não reclamava de ter que acordar cedo, pois sabia que ao chegar naquele lugar simbolicamente mágico para uma menina de sete anos, coisas boas aconteceriam, dentre elas, o hambúrguer do “índio” como era chamado o homem que tinha carrocinha de lanche na esquina da Avenida B. Rohan. Lembro de ter visto na TV, já crescida, uma reportagem falando sobre sua morte, naquele mesmo ponto onde quando criança fui genuinamente feliz agarrada aos *ketchups*.

As ruas do centro da cidade guardam contradições. Algumas longas e largas, são as principais. Nelas estão as grandes lojas, os Correios, aqueles que possuem mais poder aquisitivo. Outras são estreitas, e esses “buracos” guardam preciosidades que só conhece quem se permite andar longe dos holofotes.

À medida que fui crescendo, os sábados não eram mais tão incríveis assim. A sensação de mágica foi transformada na obrigação de ir ao centro resolver questões de gente grande. As ruas já não tinham mais o mesmo encanto. As lojinhas que gostava de ir quando criança já não existiam mais. Abriram espaço para lugares bem iluminados e com ar condicionado.

A minha mãe trabalhava em uma galeria de costureiras que fica em uma parte já quase que esquecida do centro de João Pessoa, a famosa rua do IBGE. Cada vez mais, os comércios se concentram próximo a Lagoa. E não me leve a mal, nada como esperar o ônibus olhando para as árvores e sentindo a brisa bater no rosto, mas o centro nunca foi sobre apenas o comércio sustentado pelo dinheiro.

O centro é vivificado pelo senhor que toca sanfona vestido em homenagem ao Rei do baião. Aos senhores que se reúnem no Ponto de Cem Réis para jogar dominó

enquanto seus netos correm espantando os pombos. E o caldo de cana? Desse não posso esquecer. Considero-me íntima de todos os estabelecimentos que por ali estiveram durante anos vendendo o caldo gelado. Acho democrático: caldo para quem é do caldo, café para quem é do pretinho, axé para todos.

Na virada do ano fui ao centro com minha mãe, para essa parte que está abandonada mas que guarda tantas belezas. De longe, vi uma lanchonete, dessas sem muitas regalias. Tinha um balcão, algumas fatias de bolo já partidas e uma máquina de fazer o caldo. Corri como uma criança que encontrou doce sendo doado. Ao chegar no lugar, antes da minha mãe, já pedi dois caldos do maior copo que ele tivesse. Eu me surpreendi ao ver o senhor rir e falar “filho de peixe, peixinho é”. Ele reconheceu a mulher que chegava atrás de mim e sorria sem acreditar que estava revendo um grande amigo. Dali em diante, conheci muito sobre mim mesma por um homem que eu nem conhecia, mas que acompanhou de perto a gestação da mulher que me deu a vida.

Pode ser saudosismo, mas as pessoas seriam mais felizes se reparassem mais nas belezas simples do centro.

Tanta história pode ser descoberta, tantas personalidades que dariam biografias inteiras. A loja de discos da General tenho certeza que você conhece, mas quero te apresentar o rasta que vende discos na calçada da esquina do prédio das Nações Unidas. Falar nisso, você sabia que antigamente aquela loja de sapatos era um dos maiores cinemas de João Pessoa? Mas essa é uma outra história. Aquele homem tem tanto conhecimento. Sabe os discos e histórias de cor. Você leva pra casa um vinil e milhares de aulas.

Esse centro que enxergava quando criança segue resistindo. Como apresentado por João do Rio, precisamos reviver em nós o espírito de flâneur, que anda pelas ruas atento, percebe vida nos lugares que passam batidos pela maioria, que dá ao centro o que temos de mais importante em nossas vidas, o tempo.

No cantinho de uma ou na esquina da outra, ainda podemos ver a humanidade resistindo. A simplicidade e o aconchego de se tomar um caldo de cana gelado e trocar palavras com alguém desconhecido, mas com um conhecimento gigantesco após tantos anos com o carrinho no mesmo ponto.

O centro é a alma da cidade, e só pode existir devido às trocas humanas que ali resistem. Essas vão além do que o dinheiro pode comprar. São carregadas de sentimento, memórias e afetos. Essas são ruas que guardam a alma da nossa cidade.

O Rei do Baralho

Diego Arruda

Lentamente, a claridade toma conta da cidade. O relógio marca cinco. Hora de levantar, mais um dia para vencer. Mas antes de sair para mais uma conquista, tem o tradicional café preto e aquela deliciosa tapioca feita pela sua amada. No rádio, enquanto comia, escutava atentamente o terço.

Bem alimentado, agora sim ele pode ganhar o mundo. O vovô bonequeiro e destemido, ostentava com muito orgulho o seu bigode grosso. Saía de casa com seu chapéu de vaqueiro e a peixeira na cintura, afinal, nunca se sabe quando precisa para defender a sua honra.

Nascido no interior, desde de cedo teve a seca como adversária. Depois de perder os pais na infância, precisou trabalhar para ter o que comer. Apesar da vida sofrida, o bom vaqueiro nordestino conseguiu criar sua família. Uma vez cumprida sua missão, coube a ele, enfim, mudar a sua batalha. O esforço já não era mais

braçal, mas sim, mental. As mãos trocaram a enxada pelas cartas. Sua luta não era mais nos campos, mas sim, no centro da capital.

Chegando na praça, encontrava sua turma. Seus adversários, preocupados, disparavam inquietos olhares. Seu amigo Luiz grita: "O Rei chegou!". Um gole da branquinha, pra deixar o sangue fervendo. Que venha o próximo desafiante à coroa! A mesa de cimento logo vira uma arena. O povo ao redor acompanhava atentamente a partida. Com seu fumo na boca, seus movimentos eram lentos e bem pensados. A paciência era sua arma.

O "caboco" até tentou, mas o baixinho, invocado que só ele, logo puxou o chapéu pros olhos e gritou: "Bati!" Em seguida, Luiz logo grita: "ieeeeei!" A turma logo fez a festa. A sanfona dava o ritmo e o novamente vitorioso comemorava: "Eu sou o Rei do Baralho!".

Ao desaparecer do sol, a arena se esvaziava. Hora de ir embora. Um pouco tonto, com a visão embaçada, chegava em casa, o peito cheio de orgulho, fechava-se mais um dia de vitória.

A grama verde da Lagoa

Matheus de Sousa Morais

As tardes de outubro são sempre abafadas em João Pessoa; a juventude brilha sob o sol. Era apenas mais uma tarde de sábado, e eu acabara ficando alguns passos separado do grupo porque inconscientemente havia decidido admirar as palmeiras e o reflexo do sol na água. Quando a cidade recebe muitos estudantes vindos de outras cidades acontece um fenômeno de descobrimento de algo que já foi descoberto, mas agora por novos olhos, com sede de futuro. Eu era um deles.

Risadas ecoavam entre a brisa fresca e o barulho de incontáveis ônibus coletivos fazendo parada no terminal. Acho que nunca vou entender o motivo de escolherem os recantos mais mansos das cidades para transformá-los em meros corredores. O parque circular em volta do corpo d'água escuro simboliza não somente uma porta para o centro, mas também um ponto de encontro geracional, uma convergência da diversidade urbana.

A curiosidade, o ócio, o ímpeto de juventude nos levou à Lagoa. Um piquenique era uma excelente ideia para enturmar todos que se conheciam há tão pouco tempo. Os preparativos estavam sendo finalizados e todos estavam prestes a sentar na toalha e então eu percebi que se aproximava de mim uma figura esguia cuja cabeça já estava completamente branca, com um andar manso e ao mesmo tempo obstinado. Ela não fez muito esforço para se aproximar de nós e logo em seguida abriu um sorriso que poderia fazer sorrir também até o mais triste dos palhaços.

— Quando eu era mais nova nós fazia isso muito! Trazia a toalha igual essa daí e sentava tudo em volta da bacia de pão.

Quando fizemos menção de convidá-la para nos acompanhar ela deu de ombros e continuou andando com o passo elegante sobre a grama verde da Lagoa.

A leitura como uma dança silenciosa

Emelly Sabrina S. de Sá

Há uma dança silenciosa que acontece toda vez que nos entregamos a um livro. É uma dança sem movimento físico, mas cheia de vida, onde palavras se transformam em imagens, pensamentos se convertem em emoções e o tempo parece desaparecer.

E no coração pulsante do centro de João Pessoa, entre o vai e vem das pessoas e o eco dos carros, há um refúgio encontrado dentro das livrarias que carregam história e uma calma reconfortante.

Ao adentrar esses templos de conhecimento, somos recebidos pelo aroma único de livros novos e antigos, um convite irresistível para mergulhar em mundos desconhecidos. Cada história tem sua própria personalidade, refletida em cada página dos livros dispostos nas prateleiras e nas mesas cuidadosamente arranjadas.

As suas estantes de madeira escura que se estendem até o teto, repletas de obras clássicas e contemporâneas, tornaram-se um lugar aconchegante que parece um pouco mais como lar. É um verdadeiro oásis para os apaixonados por aventuras.

A cada página lida somos transportados para outros mundos, outros tempos, outras vidas. Uma jornada íntima, uma conversa silenciosa entre o leitor e o autor. Esses refúgios de conhecimento e nostalgia são verdadeiros tesouros escondidos, onde as folhas gastas guardam histórias não apenas dos livros, mas também da própria cidade.

O tempo parece desacelerar, permitindo-nos saborear cada página e deixar-nos levar pela magia das palavras. E assim, enquanto o mundo lá fora continua a sua dança frenética, nós nos recolhemos ao silêncio da leitura, onde podemos encontrar paz, inspiração e, quem sabe, um vislumbre da verdadeira essência da vida. Pois na dança silenciosa da leitura, descobrimos que as palavras têm o poder de nos transformar, de nos elevar, de nos fazer mais humanos.

Sessão das 10

Gabriel Victor Gomes Costa

Sônia me esperava no ponto com uma longa saia para nosso culto semanal. Era fascinada nas projeções das películas, vislumbrava cada quadro como se a imagem lhe fosse fugir, mas não era a única. No Cine Plaza, todos eram iguais. Mesmo com o mormaço, o público transpirava petrificado ao cinema e, assim, fugia do cotidiano.

Fujo até hoje. Assim como Sônia veio fugir de mim.

Depois vieram, Antonia, Beatriz, Carina, Débora, Ester, Fernanda, e até Rebecca, com suas mesmas saias. Porém, nenhuma foi igual a ela. Nenhuma conteve o mesmo fascínio, o mesmo vislumbre aos quadros, mas não eram únicas. Todos são iguais. Mesmo entre sessões, o público já não consegue mais fugir do cotidiano.

Tento fugir até hoje, mas elas me trazem de volta.

Na nossa última sessão das 10, Sônia esperou-me pontualmente com sua saia em frente a praça. Porém, assim como seu fascínio, o brilho já não era o mesmo. O vislumbre em seus olhos já não comportavam nosso romance sob a tela. Eu já não era o único em seu cotidiano. Cansei de fugir, Sônia não voltará.

O Cine Plaza se foi e a Sônia também. Assim como meu amor, aquele cinema não voltará a ser o que já foi. Nem o ponto é mais o mesmo. Agora, sou condenado a viver das lembranças de nossas sessões. Junto a Sônia, também perdi meu amor pelo cinema. Para mim, as películas de hoje em dia são apenas para celular.

O sol se põe para Maria

Letícia Silva

A pressa dos passos soava mais alto que qualquer música tocada. As buzinas dos automóveis ressoavam em todas as esquinas. Entretanto, Maria ali ficava, sentada em silêncio.

Todos os dias eu passava em frente ao Hotel Globo, no fim da tarde, desde os meus tempos de garota. Lá se hospedaram pessoas da mais alta classe, de diferentes lugares e posições sociais. A fama do hotel era indiscutível, o mais luxuoso da cidade. Em diversas vezes que passei por ele, Maria estava lá, sentada em silêncio, olhando para algo além dos balaústres que cercavam o Hotel.

Quando o porto da cidade foi transferido para outro local, o Hotel perdeu seu encanto, seus hóspedes, mas não perdeu Maria. Hoje, o lugar recebe exposições de arte, cultura, história e música. Pessoas vão e vem, o som dos risos, das histórias que cruzaram as portas de

entrada do Hotel renovam a importância do lugar para a cidade. Porém, a aceleração; a vida corrida; o vai e vem sem parar nos faz pensar: quantas vezes alguém passa em frente ao Hotel Globo e não para, ao menos para pensar um segundo, qual a sua história, o que ele tem ou pode nos mostrar?

A vista para além dos balaústres que Maria tanto admirava era o pôr do sol. Muitas vezes não o vemos, pois, estamos atentos a outras coisas, ou estamos apressados e distraídos, com preocupações e estresses do dia. Hoje a velocidade é a característica mais marcante no ser humano. O dia passa tão depressa que quando percebemos, já está de noite, e tudo começará de novo daqui a algumas horas.

Aprendi a apreciar o pôr do sol como Maria. A desacelerar, respirar, quieta e em silêncio; e agora o som dos passos apressados que soavam mais alto que qualquer música tocada e as buzinas dos automóveis que ressoavam em todas as esquinas, não são tão altos. O brilho, entretanto, era quem me encantava, nada mais brilhava aos meus olhos do que ver o pôr do sol dali.

Hoje, sentada e admirando o pôr do sol, percebi que ele nunca é o mesmo. Há nele uma beleza ímpar, que todos os dias se renova. Uns dias mais laranja, outros

mais rosados. Existem os mais brilhantes e os mais coloridos. É o mesmo sol, mas a sensação é sempre diferente. É assim também com as histórias que por aqui vi passar, cada uma é particular, inclusive a minha. O meu dia terminava com o pôr do sol, para nascer no outro dia junto dele. Enfim, compreendi porque Maria o admirava tanto e todos os dias estava ali, sentada e em silêncio. Nunca era a mesma sensação, ela se apaixonava por ele todos os dias, à sua maneira. O Hotel tem sua história, mas também tem as histórias de quem por lá passa, nem que seja apenas por um dia. A velocidade com que vivemos talvez nos impeça de parar e conhecer cada uma delas. A vida está rápida, mas que pelo menos uma vez no ano, seja um pouco menos.

Assim é chegada a hora de ir-se embora, para começar um outro dia amanhã. Ah! Maria, o sol se pôs.

O menino perambulante

Leila Maria

Eu tenho um tio avô, que é irmão do meu avô por parte de mãe, o qual as histórias sempre me arrancam um riso. Otávio, ou melhor, Vota, é um sujeito muito curioso. Ele teve um problema na infância e sua cabeça não desenvolveu, então se você perguntar a Vota quantos anos ele tem, ele vai falar cinco, mesmo tendo 81 na carteira de identidade. Mas não é por causa disso que ele é memorável. Desde adolescente, gostou de andar no centro da cidade de João Pessoa. E nunca mais parou.

Como seu pai trabalhava na prefeitura, isto na década de 50 ou 60, arrumou uma função pra Vota ter o que fazer: levar e trazer documentos entre um setor e outro. Um *office boy*. Ou melhor, "Perna Boy". Ele é o mais saudável da família desde então. Saindo todos os dias de manhã para trabalhar, a felicidade se estampava no rosto do menino, que voltava para casa antes em Jaguaribe, agora no bairro 13 de Maio, para engolir um

generoso prato de almoço, e saía de novo às 14h para bater perna no centro.

Mas é claro que Vota não só trabalhava pro escritório. Eu cresci ouvindo histórias como a de que ele foi parar na cidade de Areia indo num velório de uma pessoa que nem conhecia, porque pegou carona com um carro funerário. Ele sempre foi muito curioso, tenho certeza que se na época tivessem incentivado, hoje seria meu colega de profissão, jornalista. Vota é tão desenrolado que a questão da carona aleatória não aconteceu só uma ou duas vezes, ele outro dia subiu numa ambulância com os paramédicos achando que seria parente da vítima de um acidente na Lagoa, para depois que deixarem a mulher em casa descobrirem que ela não o conhecia. Quando questionado, ele respondeu “quis saber dela, fiquei preocupado!”.

Quase ia me esquecendo da descrição inigualável do nosso protagonista: chapéu branco, blusa social de cor clara, calça social, sapato social com cadarço e meia longa, que é onde guarda seu celular de tecladinho. Olhos azuis e pele branca com insolação, nariz alongado, não gosta muito de tomar banho, igual europeu. Tem (quase) a mesma rotina todos os dias, anda bastante de ônibus, e quando não tem ônibus ele caminha quilômetros mesmo

assim. Um sujeito formidável, que perambula pelo centro da cidade. Sabe de cada nova obra, cada acidente, cada manifestação cultural que tenha por lá. Deve ter acompanhado toda a decadência do nosso Centro Histórico e a inauguração de novos estabelecimentos.

A este ponto é possível que você leitor esteja se apaixonando por Vota, mas saiba que ele é um homem cujo coração pertence a uma única mulher: sua namorada, uma prostituta 30 anos mais jovem que ele, que construiu uma amizade de cuidado mútuo. O que não o impede de ser um exímio galanteador, ou pelo menos achar que seja. Na maioria das vezes é por ela que a família fica sabendo das novas peripécias de Otávio, e a chamaria aqui de gente finíssima, mas infelizmente ela tem interesse demais na pensão que ele recebe do governo. Ela seguiu a vida dela, mas seu eterno admirador continua tendo muito carinho pela dama.

Acho que em 80% das fotografias tiradas na Lagoa ou no Ponto Cem Réis, se você procurar direitinho, vai achar um intrometido senhor de chapéu. Não ironicamente, hoje antes de eu escrever esta crônica me enviaram uma foto de evento de distribuição de ração

para animais, em que os organizadores estavam tentando fazer um registro deles mesmos, e Vota estava lá, atrás deles, posando para a foto. Quando não está participando ativamente da circulação, ele pode ser encontrado mais para trás, em pé de pernas cruzadas com uma mão na cintura, e a outra se apoiando em algum lugar. Sempre observativo e opinador.

Vota é um monumento histórico do cotidiano do centro de João Pessoa. Assim como eu, quando o encontro de vez em quando, imagino as narrativas que as pessoas que circulam ali diariamente nos mesmos horários devem criar sobre quem é o senhor inusitado, que parece ter parado no tempo enquanto tudo ao seu redor mudava tão rapidamente. Ao contrário da opinião de muitos, inclusive de seu laudo, Vota não é nada incapaz. Ele é e foi capaz de criar muitas memórias, com sua peculiaridade de ser. Meu avô uma vez citou que viver bem é ter histórias pra contar, então tenho certeza de que Vota vive muito bem.

Ao mesmo tempo, fico me questionando que tantas outras vivências da rotina diária não existem dentro dessa cidade, dentro desse centro, onde os mais antigos presenciaram o apogeu, e as gerações seguintes têm memórias, ou pelo menos se encontram nas paradas de ônibus. Reparando nas contações da minha família já tem bastante coisa, fico com uma sede voraz de sentar pra puxar conversa com cada figura

emblemática que percebo na multidão. Uma que merece um texto próprio, Dona Cecy, minha bisavó, por parte de mãe, por parte de avó, em pleno século XX, se separou do marido e manteve seus três filhos com um emprego de vendedora de selos, na frente da Praça Pedro Américo, onde hoje é um patrimônio tombado. Dona Cecy partiu com 94 anos em 2018, mas toda vez que passo por lá me lembro dela, de sua história, e das coisas que ela viveu que eu não conheci.

Do mesmo modo, é um ponto acordado entre toda a família que tem coisas sobre a vida de Vota que nunca vamos conhecer, ou pelo menos não por completo. E tenho a certeza que ele marcou a vida de muitas pessoas, seja pela sua presença ou por seu papo de conquistador. Quantas figuras como ele já não devem ter aparecido ali naquele ponto abandonado da cidade? Qual o ponto de convergência coletivo entre a memória, a imaginação e a fofoca? Histórias que vão e passam, pessoas que vem e ficam. As ruas da cidade vigiam e guardam Vota, e sei que quando não estiver mais ali, fará o mesmo por elas.

O Filme que Voou

Maria Laura

Era uma vez, numa cidade onde as luzes da tela grande iluminavam as noites e os sonhos, um personagem singular: o antigo cinema do bairro. Era um monumento imponente, com suas fachadas adornadas por cartazes de filmes que contavam histórias de aventuras, amores e mistérios. Mas, por mais que fosse uma presença constante, poucos se davam ao trabalho de notar sua existência.

Nas tardes ensolaradas, o cinema testemunhava a chegada de ávidos amantes da sétima arte. Eles, os curiosos e os solitários, se reuniam sob o teto da sala escura, ansiosos pelo espetáculo que se desenrolaria diante deles. Ao meio-dia, o cinema desfrutava de um breve momento de tranquilidade. As filas desapareciam enquanto todos se recolhiam, mas as imagens projetadas nas mentes daqueles que assistiram aos filmes ainda ecoavam nas paredes, como um roteiro que se desdobrava na imaginação de cada espectador.

À tarde, as poltronas se enchiam novamente. Os trabalhadores escapavam da rotina diária, os estudantes

buscavam inspiração, e os mais velhos reviviam memórias de tempos passados. O cinema, por sua vez, assistia às emoções desencadeadas pelas cenas na tela, às risadas compartilhadas e às lágrimas furtivas. A noite caía, e o cinema brilhava com uma luz suave. Era o momento em que as narrativas ganhavam vida, transformando a sala escura em um mundo de possibilidades. Enquanto as histórias se desenrolavam, o cinema contemplava a cidade mergulhada em narrativas cinematográficas que transcendiam o tempo.

Mas, à medida que as estrelas pontilhavam o céu, o cinema sentia um peso silencioso. As horas passavam, e ele percebia que, mesmo sendo o guardião das histórias, não podia deter o avanço do tempo. A cada projeção, um filme se transformava em memória, e a cidade evoluía em narrativas que ele só podia testemunhar. Numa noite fria, as luzes do cinema se apagaram. A cidade percebeu a ausência do seu refúgio cinematográfico. As pessoas olhavam para o edifício agora silencioso, com uma nostalgia que só a ausência pode criar. E o cinema, mesmo fechado, continuava a ser parte indelével das memórias daquela cidade. Assim, o cinema do bairro ensinou à cidade que, embora as telas possam se apagar, as histórias vivem para sempre na alma daqueles que um dia se entregaram à magia do cinema.

O Centro pelo olhar de uma criança

Pedro Quaresma

Para muitas pessoas, o Centro evoca memórias vívidas da infância, repletas de espaços para brincar, explorar e se divertir. A Lagoa continua sendo um local encantador, onde a imaginação pode florescer, e é o cenário da tradicional Festa das Neves, uma celebração que marca o aniversário da cidade e homenageia Nossa Senhora das Neves, padroeira da Paraíba.

No meu caso, o encanto do Centro foi se desfazendo ao longo dos anos. À medida que envelhecia, sentia cada vez menos vontade de frequentá-lo. Parte da minha infância foi vivida no Edifício Manoel Pires, um dos primeiros da cidade, onde meus avós e pais residiam. Aos cinco anos, minha imaginação era um mundo vasto, e adorava explorar a Lagoa. Enquanto eu me divertia, era comum minha família ficar nos bares próximos à Lagoa.

Contudo, com o passar dos anos, vi Centro como um lugar agitado, sempre lotado de pessoas, o que me deixava desconfortável. A presença de ambulantes, moradores de rua e o intenso tráfego de veículos me assustavam. E o conforto

só era encontrado ao chegar ao prédio dos meus avós, onde eu podia escapar daquele caos.

O fim da minha paz aconteceu quando um evento traumático ocorreu no meu refúgio. Durante um domingo de reunião familiar na casa da minha avó, ansioso para escapar do caos do centro, deparei-me com um homem ensanguentado no *hall* de entrada. Aquela imagem foi profundamente perturbadora para uma criança. O rapaz, coberto de sangue, estava sentado, conversando ao telefone. A partir desse dia, o meu refúgio tornou-se mais um lugar de pesadelo. Minhas visitas ao centro nunca mais foram as mesmas: do lado de fora, com medo do caos; e do lado de dentro, com receio de encontrar novamente aquele homem coberto de sangue.

Anos depois, descobri que o rapaz havia se envolvido em uma briga com seu irmão, resultando em um confronto violento que acabou em ferimentos graves. Com o tempo, amadureci e gradualmente superei meus medos e receios. Meus avós deixaram o centro há mais de cinco anos, e desde então, minhas visitas àquela região tornaram-se cada vez mais raras.

O último ato: despedida do Espaço Mundo

Luane Monteiro de Araújo

No coração pulsante do Centro Histórico de João Pessoa, onde o tempo parecia congelado nas fachadas desgastadas pelos anos, erguia-se o Espaço Mundo como um farol de criatividade em meio à melancolia urbana. O casarão centenário, com suas janelas adornadas por trepadeiras entrelaçadas e suas portas de madeira maciça, exalava uma aura de mistério e encanto. Ao adentrar em seu recinto, o visitante era envolvido por uma atmosfera vibrante, onde as paredes desgastadas pelas histórias do passado eram palco para as expressões artísticas mais ecléticas e provocativas.

Nos salões outrora nobres, agora ornados com pôsteres desbotados e grafites transgressores, ecoava a música de artistas *underground* e o murmúrio de debates acalorados sobre política, arte e sociedade. Nas salas laterais, escondidas por cortinas de veludo desbotado, artistas locais exibiam suas obras revolucionárias, desafiando as convenções estéticas e sociais estabelecidas.

Entretanto, além dos limites do Espaço Mundo, as ruas estreitas e esquecidas do Centro Histórico contavam uma história diferente. Onde antes ecoavam os passos elegantes da alta sociedade, agora predominava o eco vazio dos prédios e das calçadas rachadas pelo abandono. A decadência urbana se misturava com a nostalgia de um tempo passado, enquanto os moradores locais lutavam para preservar a identidade histórica do bairro em meio à pressão do desenvolvimento urbano desenfreado.

Apesar dos contrastes e das adversidades, o Espaço Mundo permanecia como um farol de esperança, um refúgio para os sonhadores e rebeldes que se recusavam a sucumbir ao destino de uma cidade em transformação. Era ali, entre as paredes que sussurravam segredos e os sorrisos dos artistas renegados, que a verdadeira alma de João Pessoa se revelava, resiliente e indomável, pronta para desafiar as adversidades e escrever uma nova história no caótico palco urbano.

Entre ruas de pedra e ritmos antigos: a magia do carnaval

Gustavo Lipe Santos Dourado Silva

Naquela noite de carnaval, o centro histórico de João Pessoa se tornou nosso palco de celebração, onde a efervescência da festa se misturava com a história gravada nas ruas de pedra e nos casarões coloniais. Eu, um soteropolitano em terras paraibanas, estava prestes a vivenciar uma das experiências mais memoráveis de carnaval da minha vida.

O ponto de partida foi o bloco Cafuçu, onde uma multidão extravagante e animada se aglomerava pelas estreitas vielas do centro. Com meus amigos ao lado, mergulhamos na multidão, nos deixando levar pelo ritmo pulsante do carnaval. Foi então que avistamos, entre a fervilhante massa humana, uma pequena marchinha tradicional de carnaval.

Sem pensar duas vezes, decidimos segui-la. De repente, estávamos imersos em uma jornada pelas ruas históricas, dançando ao som das músicas tradicionais, absorvendo a energia contagiante que emanava de cada esquina. Subíamos e descíamos ladeiras íngremes, o calor humano se misturando

ao calor do verão, enquanto o som dos instrumentos e das risadas ecoavam pelas ruas antigas.

Não importava de onde aquela marchinha vinha, seu nome ou sua história. Ela se tornou o fio condutor de nossa aventura, um elo invisível que nos unia a todos naquele momento mágico de celebração. Era como se as fronteiras geográficas se dissolvessem, e ali, naquelas ruas de João Pessoa, éramos todos um só povo, unidos pelo carnaval.

Finalmente, chegamos à praça Antenor Navarro, onde nos permitimos um merecido descanso em um acolhedor barzinho. Sentados ao redor de uma mesa, sob a suave luz das lanternas antigas, relembramos os momentos vividos, rindo e compartilhando histórias como se já fossem lendas.

Naquele instante, percebi que não importa de onde viemos, pois o carnaval tem o poder de nos unir, de nos transportar para um lugar onde as diferenças se dissipam e só resta a alegria de viver o momento presente. E assim, entre risos e melodias, guardei na memória aquele carnaval inesquecível, onde uma simples marchinha se tornou a trilha sonora de uma noite que sempre lembrarei com carinho.

Nosso lugar é onde a gente está

Débora Luz

Um dia desses, peguei um ônibus na Integração para voltar para a Universidade, olhando pela janela, percebi o quanto estava habituada com aquele caminho. Lembrei-me de como, nas minhas primeiras idas ao Centro, parecia estar adentrando em terras estrangeiras, desbravando uma selva de sons e movimentos que era, de certo modo, inédita para mim.

Acho que estar em lugares desconhecidos nos torna espectadores mais atentos do nosso entorno. Talvez por isso, as minhas primeiras-vezes no coração da capital paraibana, há poucas semanas do início das aulas de Jornalismo, foram guardadas de maneira especial em minha memória. Tudo era tão igual a qualquer outro centro de qualquer outra capital. Os mesmos cheiros de fruta, de fumaça, de suor... o mesmo movimento. As mesmas lojas de conserto de celular, relojoarias, “Top’s 10/15/20”, carros de som, ambulantes e prédios que denunciavam a negligência do tempo. Uma espécie de ecossistema, onde seus microrganismos, com funções muito bem estabelecidas e vitais para o funcionamento

daquele ambiente, sabem muito bem para onde ir e o que fazer.

Eu não sabia. Sou de uma cidade de 35 mil habitantes, no Sertão pernambucano, onde a extensão do Centro não ocuparia, proporcionalmente, nem o tamanho da Lagoa. Assim, qualquer locomoção no Centro pessoense trazia a sensação de estar perdida num labirinto. Pouco tempo depois de me mudar, sentindo-me um corpo estranho naquele novo local, desci em uma parada de ônibus na recém descoberta Praça da Independência para uma entrevista de estágio em um estabelecimento ali perto. Estava com minha melhor roupa, com a sandália plataforma favorita (guardada há meses, esperando o momento especial para sair da caixa) e com minha máscara de confiança. Entrei num prédio com portões de vidro, lustre no teto e, na recepção, a descoberta de que uma amiga também estava ali para fazer a entrevista e me trouxe segurança. Ufa, um rosto conhecido! Fomos recebidas por pessoas que mecanicamente executavam funções pré-estabelecidas. Seguindo o roteiro padrão, o processo seletivo durou horas e, após salas de reunião, textos escritos às pressas e frio na barriga de nervosismo, saímos já ao anoitecer, procurando o caminho de volta para bairro dos Bancários.

A melhor opção seria esperar o próximo ônibus na mesma parada onde desci, não é? Mas, minha falta de conhecimento sobre o funcionamento das linhas e a orientação da minha escudeira nos fizeram acreditar que, naquele momento,

a melhor decisão a tomar seria meia hora de caminhada para pegar o transporte na parada da Lagoa. Acompanhamos o cardume de funcionários que cotidianamente já faziam esse percurso, indo em direção, ao que eu, com toda a minha matutice, logo descobri ser o pior lugar e o pior horário para se pegar um ônibus em João Pessoa. Para a nossa sorte (e, em seguida, o meu azar), assim que chegamos na caixa de sardinha a céu aberto, um 302 parou para recolher mais passageiros. Batemos em retirada para não perder a viagem, aliviadas porque não iríamos passar muito tempo esperando, até que, no meio da corrida, inesperadamente, me esborracho no chão.

Não sei se por causa do longo percurso percorrido, pela corrida repentina, ou pelo tempo que passaram guardadas (mas, com certeza, por “tiração de onda divina”) numa coincidência desastrosa, as duas solas da minha sandália favorita soltaram, fazendo com que centenas de pessoas saíssem dos seus tranSES e passassem a reparar a mulher alta que tinha ido de encontro ao chão. Mortificada e acompanhada pela sinfonia da risada de vergonha e preocupação da minha amiga, recolhi os restos do que calçava e corremos para entrar no ônibus, porque, aparentemente, o momento que durou duas horas na minha cabeça na verdade durou poucos segundos. As pessoas voltaram para a espera de seus ônibus e não perdemos a viagem. Entrei semi descalça no 302 e voltei para casa sem sapatos, sem dignidade e,

posteriormente, descobri que estávamos voltando sem o estágio também.

O contraste da minha estreia desastrosa no Centro de João Pessoa com as minhas idas mais recentes (cada vez mais rotineiras) me faz ter hoje a sensação de pertencimento, como se eu começasse, finalmente, a entender como a cidade, que deixou de ser nova para mim, funciona. Agora, vou ao centro fazer uma matéria pra faculdade e sei que quando terminar vou para a Integração, pegar um 518. No percurso, passarei pelo viaduto que fica sob o Ponto de Cem Réis, encontrarei as lojas de miudezas que me salvaram inúmeras vezes, reconhecerei pontos Históricos que visitei com meus amigos e vou chegar em casa, passando por ruas que já conheço, porque agora também faço parte desse ecossistema.

O teatro Santa Roza - entre suspiros e assobios

Camila Ellen de Lima Quirino

No coração do Centro Histórico de João Pessoa, onde até o tempo parece preguiçoso demais para passar e os fantasmas do passado ainda insistem em fazer graça, está o majestoso Teatro Santa Roza. Um monumento às desgraças cômicas e às comédias trágicas que enfeitam nossa existência, onde cada rachadura na parede conta uma piada melhor que a outra.

Percorrer as ruas estreitas que levam ao teatro é quase como entrar em um poema. As paredes de pedra, gastas pelo tempo, cochicham fofocas antigas, enquanto as sombras das árvores mais velhas que a avó da sua avó conspiram como se fossem comparsas silenciosas de toda a tradição cultural que sobrevive ali a duras penas.

Fundado em 1889, o Teatro Santa Roza não é só um prédio, é uma máquina do tempo onde tudo parece à beira do colapso, mas nunca deixa de arrancar gargalhadas. É um museu vivo da arte de empurrar com a barriga, onde cada peça

encenada é um lembrete de que "deixa pra depois" é sempre o lema.

Apesar de todas as suas rugas e rachaduras, o Teatro Santa Roza continua firme e forte como um guerreiro em uma era de efeitos especiais digitais. Ele é um refúgio de cultura onde as pessoas se juntam para fugir das chatices do mundo moderno e se embrenhar em um universo onde os efeitos especiais são feitos de papelão e pura criatividade.

Mas, como dizem, até os astros têm seus dias de folga. Atualmente, o Teatro Santa Roza está de portas fechadas para uma manutenção mais que necessária, provavelmente tentando recuperar o fôlego depois de tanto tempo. Mas, apesar disso, o espírito do Teatro Santa Roza permanece tão indomável quanto um aspirante a ator de novela mexicana que sonha em conquistar Hollywood.

Enquanto o sol se põe sobre João Pessoa e o Teatro Santa Roza se prepara para mais uma noite de espetáculos, é impossível não se deixar levar pela aura de nostalgia e encantamento que permeia o lugar. Afinal, neste palco de sonhos e risadas, as histórias nunca terminam; elas só estão ali, esperando para serem recontadas mais uma vez. Eu, aliás, entendo bem disso, afinal, nunca vou cansar de contar como foi a sensação de ter dançado sobre aquelas tábuas de madeira pela primeira vez.

Monumento despercebido

Gabrielly Kawany

Um dia desses, numa tarde de sol de fevereiro, resolvi sair andando pelo centro de João Pessoa para visitar os locais que durante muito tempo não havia visitado mais. Quando criança ir até o centro da cidade era um castigo, o ambiente era movimentado demais, gente indo e vindo de todos os cantos debaixo do sol quente da gota serena. O comércio era a segunda casa de muita gente. Passar na rua Duque de Caxias era luta, no meio da passagem tinha os camelôs com as mercadorias pelo chão, sorveteiros, gente das antigas conversando, sem esquecer do moço tocando flauta pan no meio da rua movimentada. Ao descer a Duque de Caxias, chegamos ao Ponto de Cem Réis, uma das principais praças de João Pessoa, ali podia encontrar um pouco de tudo: sapateiros, engraxates, bancas de jornais, cafés, bomboniere etc. Mas o espaço vazio do local, com pouco atrativos, depois da reforma de 2009, me incomodava um pouco, porém com aquela reforma, ali no meio, se destacou algo que nunca havia reparado ou prestado atenção, o monumental Paraíba Palace

Hotel, que descobri que é umas das edificações de maior prestígio da cidade de João Pessoa. O Paraíba Palace, foi por muito tempo símbolo da riqueza e elegância da capital paraibana, só o público de alto padrão que pisava ali dentro.

Mas agora, voltando para uma tarde de sol em meados de fevereiro percorrendo pelo centro da cidade, retornei a admirar o edifício amarelo que fica bem no centro do Ponto de Cem Réis, e me peguei imaginando quanta riqueza devia ter se instalado naquele hotel, inaugurado em 1933, com a iniciativa pessoal do fino e requintado presidente do estado da Paraíba, João Pessoa, que acreditava que a Paraíba precisava se modernizar, e o projeto foi muito bem recebido, se tornando na época um dos melhores hotéis do nordeste.

A ideia de construir o magnífico prédio, Paraíba Palace Hotel no Ponto Cem Réis, foi justamente pelo local ser o ponto de encontro da sociedade pessoense, era naquele local, o que seria hoje um *shopping center* que a juventude da época se agrupava após deixar os bondes cheios que por ali passava. Hoje, reparando as pessoas que passam pelo Ponto de Cem Réis em frente ao Paraíba Palace, percebi através daquela ideia de que o tempo parece passar mais depressa ultimamente, da vida corrida que a modernidade nos trouxe, as pessoas vão caminhando depressa de cabeça baixa, expressão de preocupação no local que antigamente era o

ponto de encontro de muita gente, era local de lazer para se comunicar, se divertir. Ali no centro tinha o Cine Rex, que ficava na esquina da rua Peregrino de Carvalho com a Duque de Caxias, depois da sessão as pessoas descia para o Ponto de Cem Réis para tomar um sorvete e conversar na sorveteria Canadá que localizava-se no térreo do Paraíba Palace Hotel. Hoje, no imenso espaço vazio do Ponto de Cem Réis, as pessoas passam por ali, só de passagem de forma dispersa, sem se aglomerar com ninguém, sem apreciar a beleza que o antigo hotel ainda traz para aquele local. Em meio a minha visitação parei para tirar fotos do lugar, inclusive uma foto de perfil, e me deparei com os olhares de estranheza e espanto dos paraibanos que não tiram foto no Paraíba Palace, tão belo em meio aquela praça.

Ao longo dos anos, a cidade de João Pessoa, passou e vem passando por diversas transformações com a valorização da orla, tudo que é bom está lá, tudo que é bonito, muitas lojas migraram também para essa região da cidade. E o centro foi sendo esquecido, tudo que fica ali, agora é feio, fora de moda e antigo. Esvaziou o hotel, Ponto de Cem Réis e por fim todo o centro da cidade. Ao visitar o centro não só para resolver problemas corriqueiros, mas para apreciá-lo, e voltar para minha infância, percebi que tudo ali havia mudado, a Duque de Caxias não é mais tão movimentada quanto antes, o Ponto

de Cem Réis permanece com seu imenso espaço vazio, sem os engraxates e sem as bancas de jornais, mas o Paraíba Palace continua lindo, enchendo os olhares de quem para, só por um segundo para apreciar e rememorar a beleza de um passado esquecido.

A teia da aranha ruiva

Lucas Andrade

A praça, aparentemente tranquila aos olhos apressados, revela-se um lugar comum quando observada com atenção. Transportes modernos, edifícios antigos e uma forte presença de empreendimentos comerciais parecem envolver cada canto deste lugar localizado na parte alta da cidade de João Pessoa. É aqui, entre paralelepípedos e teias de aranhas, que desvendamos o altos e baixos de uma linda garota ruiva de cabelos longos que passava frequentemente por aquele lugar.

A manhã surge com a timidez de quem ainda não está pronto para encarar o dia. Os primeiros raios de sol iluminam a fachada do Hotel Paraíba Palace, destacando suas linhas arquitetônicas como se fossem as páginas de um livro prestes a ser aberto.

No café, o aroma do café fresco paira no ar, misturando-se com o cheiro de jornais recentemente impressos. As páginas, desenhadas com tinta e notícias, revelam histórias que se desenrolam em cada esquina. Mas, entre manchetes e colunas, há sempre algo não dito, algo entre altos e baixos.

À tarde, a cidade desperta lentamente de seu sono aparente. A praça Vidal de Negreiros, conhecida como Ponto de Cem Réis, ganha vida com o vai e vem de pessoas apressadas, cada uma imersa em seus próprios pensamentos e preocupações. No entanto, há algo de efêmero nesse despertar, como se a cidade estivesse apenas cumprindo seu papel, sem mergulhar verdadeiramente na vivacidade que o dia oferece.

E, quando de repente o sol se vai, as nuvens chegam, com ela um temporal avassalador. As luzes dos postes começam a apagar, lançando uma atmosfera de águas sobre os edifícios. Nela, uma aranha, que começava a subir pela manhã, e com a tarde, a chuva a derrubou sendo arrastada até a feira de flores Holambra, localizada no Ponto de Cem Réis. Nas esquinas, os últimos transeuntes apressam seus passos para chegar ao conforto de seus lares.

Mas é à noite que a cidade revela sua face mais intrigante. Sob o manto escuro do céu, as luzes artificiais ganham destaque, transformando cada rua em um palco de sombras, reflexos e gritos. É como se a cidade, ao mergulhar na escuridão, encontrasse uma loucura visceral. A aranha, continuava ali, imóvel, sobre a feira de flores Holambra, arrastada pela tempestade que houvera mais cedo. A enxurrada do temporal, trouxe traumas e hematomas para aquela aranha, que tão pouco conseguira adormecer naquela noite.

Ao amanhecer, o sol surgiu, a aranha, com toda a sua força começou a subir novamente, com todos os prejuízos tomados sobre o seus pequenos apêndices, seus pedipalpo enfraquecidos lutavam para conseguir subir cada vez mais, mesmo após a tempestade a deixado com sequelas e consequentemente fraca.

Entre os prédios das Nações Unidas, Paraíba Palace e do antigo Ipase, as histórias ganham vida. Nos bares, risos e conversas sussurradas preenchem o ar. Nas vielas escuras, segredos são compartilhados, e os murais urbanos revelam as vozes daqueles que, muitas vezes, são silenciados. É nesse cenário noturno que a inquietação se torna uma narradora de histórias ocultas.

Entre altos e baixos, desenrola-se a crise de ansiedade. Foi assim que despertou, como uma brisa inesperada que sussurra nos momentos mais inoportunos. Uma crise que se manifestou no cenário imprevisível da vida, onde a garota ruiva de cabelos longos se torna a aranha tecendo sua teia emocional.

A chuva, imponente e persistente, simboliza os contratempos e desafios que caem sobre ela. Mas mesmo encharcada pelas gotas indesejadas, a aranha não se rende. Ao contrário, ergue-se com uma tenacidade que revela sua determinação em perseguir seus objetivos, mesmo quando o clima emocional parece desfavorável.

É como se cada gota de chuva fosse momentos difíceis que a vida oferece, mas a ruiva não deixa que isso a impeça de prosseguir. Sua teia, intrincada e resiliente, é um reflexo do labirinto de desafios que todos nós enfrentamos, mas que, como ela, persistimos em superar. Ao observarmos essa cena com olhos atentos, descobrimos que a verdadeira essência da cidade vai além do que os olhares apressados conseguem capturar. Nos detalhes aparentemente insignificantes, nas lutas silenciosas e nas pequenas vitórias, encontra-se a verdadeira riqueza dessa narrativa urbana.

Assim, a aranha ruiva, entre as tormentas da ansiedade e da chuva, tece com resiliência e determinação sua teia. Em meio às adversidades, ela persiste, desafiando as expectativas e revelando-a. Ela encontra força e não se deixa abater pelas tempestades emocionais.

“Iguaitocracia”

Valber Adelino

Embora a voz de prisão fosse dada, nenhum dos cinco parecia suspeito. Contudo, a meta do dia não iria bater-se sozinha, né? Talvez fosse mais fácil antes da dedetização... Talvez antes da festa da rainha... Ou ainda antes, da rinha de galo... Mas seria uma crueldade trabalhar durante esses eventos tão importantes.

Antônioh, Zé Doce, Peixeira, Cocada e Rogerinho Croasant Boca de Mel — nomes que os suspeitos puseram em suas fichas — estavam a par do protocolo pente-fino, porém nenhum deles estava tão sereno quanto Zé Doce. Aquela era a quarta vez na semana que pousara na delegacia. Como resultado, tinha a simpatia dos agentes. Sem mencionar o fato de que ficava muito bem de boné, e sabia disso.

Antônioh foi o primeiro a ser liberado. Era impossível ter cometido qualquer crime, pois estava viajando a serviço do Exército, a fim de reconhecer campos de café lá pras bandas de Atlântida. Da mesma maneira, Peixeira viajou no mesmo dia com os produtores de açúcar da granja Fulano, da qual

Rogerinho Croasant Boca de Mel diz ser presidente. Sendo assim, foram soltos.

Zé Doce, pomposo e honesto, esvazia os bolsos como de costume. Pusera sobre a mesa uma espécie de “agrotóxico”, — dizem ser extremamente perigoso, de uso exclusivo dos terroristas da Zona Fechada — nada muito alarmante. Imediatamente, notou-se um alvoroço do lado de fora da sala de interrogação. Dois dos agentes mais desprovidos de capacidade intelectual cogitam prender o “suspeito”. Graças a Deus, o delegado regressou do almoço e ordenou a soltura do amistoso Zé.

Por fim, descobriu-se no interrogatório de listras a “erva daninha”. Era Cocada. Após duas horas de tortura resolveu contar a barbárie que havia cometido. O vagabundo sem escrúpulos havia confessado um dos crimes mais hediondos da Cerejeira, galho maior, Colmeia 893. A saber, usou preto e amarelo no dia de amarelo e preto, diante de 9 mil cidadãs de mel, trabalhadoras honestas. MISERÁVEL DESIGUALITARISTA!

Luta central do cotidiano

Matheus Henrique Araújo

Abro o jogo! O extremo oriental que traz o preto e o vermelho, tem outra cor em sua bandeira, o verde, exprimindo e pintando o amor da natureza pela capital dos pessoense. Honradez e privilégio do sol querer nascer primeiro por essas bandas, com doçura e boniteza o alvorecer desponta com sua imensidão até nos tocar e avisar que mais um dia de labuta chegou. “Desperta tu que repousa”, é isso que diz o dia chega nos apressando com toda sua ligeireza. Junto com a aurora pulsa o coração da cidade, o Centro, num movimento acelerado entre idas e vindas daqueles que todos os dias correm por lá. Tornando o centro o centro das atenções das vidas das pessoas que trazem histórias escritas em linhas tortas, ou simplesmente em linhas de ônibus mesmo. Espelha-se a pressa e urgência dos cidadãos na efervescência de acontecimentos no centro da cidade.

Alvorço, euforia e movimentação ditam um ritmo da área cêntrica que corre mais avexado que um forró pé de serra no mês do São João. diante do cenário de um sol para cada um. Na liberdade e resistências das feiras, é facinho esbarrar

no povo debulhando feijão verde ao mesmo tempo que debulha prosa desembaraçadamente. Graciosidade e transpiração traduzem o comércio, que é a força motriz da região e carrega a pluralidade existente em todo canto. Andejar por entre as bancas e lojas, é a certeza de encantar-se com todo aqueles trabalhadores tão diferentes, ainda sim com um propósito exatamente igual, a vida. Entre a variedade de coisas à venda, há semelhanças em todos os olhares que nos fitam, a luta! A face das pessoas que labutam todos os dias para sobreviver em meio a pressa dos negócios, as cores na multiplicidade das frutas e verduras, cada gota de suor, todas as pechinchas de preço e toda evidência de fé dos feirantes modelam precisamente o semblante comercial do lado urbano central.

A aceleração, a urgência e a fugacidade tornam-se um cenário que vai ficando para trás, como que o dia fosse aquietando-se com o poente, como se realmente chegara a hora do sono do astro que na mesma medida que aqui nasce primeiro, põe-se cedo da mesma maneira, esperançosos de um amanhã incerto – ó adoráveis dias enfeitados de pelejas!

Renascimento do Parque Solon de Lucena

Monalisa Alves Aguiar

No coração da cidade de João Pessoa, a Lagoa era um parque conhecido apenas por histórias passadas, vivenciadas em outras épocas, pois o que se via agora era um reflexo da marginalização e do descaso. Esta é uma história de transformação contada por João, um agente de trânsito que dedicou duas décadas de sua profissão a um lugar que muitos já haviam esquecido.

Quando João iniciou sua jornada como agente de trânsito, o Parque Solon de Lucena era apenas um território de ninguém, entregue à vida boêmia. Havia o verde, mas as árvores presentes, mais especificamente os bambuzais e ipês, eram espectadoras de atos que prefeririam não presenciar. João estava sempre lá, de prontidão, tentando organizar o caos que era o trânsito em torno daquela gigante rotatória em forma de lagoa. Para ele, o Parque era como um paciente na fila do hospital, necessitando de cuidado e atenção. João não percebia, mas com o passar do tempo, ele foi se tornando parte do cenário, uma figura já conhecida

pelos moradores que viam o guarda como um verdadeiro guardião daquele parque. Após anos de serviço, João pôde ver os primeiros indícios de que a mudança estava começando a acontecer. Não da noite para o dia, mas no lento processo de reforma, alimentado pelo prefeito da cidade, João podia sentir a alegria de cada banco instalado e cada espaço revitalizado no parque. Com isso, foi possível perceber a mudança nos olhos das pessoas que antes passavam por ali desconfiadas e agora iam com seus familiares para fazer piqueniques durante os fins de semana. Era possível ver idosos caminhando, crianças correndo e casais vivenciando o parque como ponto de encontro.

João vivenciava essa mudança de cenário com um misto de alegria e orgulho, pois ele sabia que tinha feito parte daquela mudança. Ele havia contribuído para a nova história daquele parque, na transformação de um canto antes marginalizado, agora um ambiente familiar. Ele havia saído de agente de trânsito para agente de transformação.

Por fim, o Parque Solon de Lucena se tornou um símbolo de esperança, um lembrete de que nenhum local está completamente perdido, mas sim à espera de ser o próximo a passar pelos mesmos cuidados que ele teve a oportunidade de vivenciar.

O ciclo da vida

Eduarda Darwiche

Às 5h da manhã, junto com o nascer do sol, a vida por aqui também nasce. Pessoas, felizes e tristes, com suas mentes, cheias e vazias, vão ocupando o espaço e assumindo suas funções, dispostas, por mais um dia, a trabalhar. Já por volta das 8h, mais pessoas vão chegando, algumas em seus automóveis ou então fazendo uso do transporte público (que é péssimo por sinal), mas diferente das outras, essas chegam para consumir coisas e resolver os seus próprios problemas. E assim, as horas passam, e esse aglomerado de seres - tão vivos quanto essas ruas - vai fluindo, indo e vindo, pelas calçadas com tanto fervor, garra e voracidade com os quais se poderia imaginar. Entre o prazer das compras e os conflituosos problemas que o capitalismo traz, sempre há tempo para um salgado, um docinho ou até para alguns desses diversos produtos que, misteriosa e frequentemente, vêm do outro lado do mundo. E às vezes, alguns conseguem a proeza de em meio a tanta agitação arranjar um pouco de tempo para um pouco de arte. Seja aproveitar a alegria de um samba na praça ou admirar a vista do topo do "Globo" e contemplar o rio

Sanhauá, onde a história daqui começou, tal qual a mãe que traz ao mundo seu primogênito. Essas vírgulas da vida, que a gente põe só para se deliciar e preencher um pouco a alma.

A chegada da noite traz consigo o findar desta vida, tão cheia dessa efervescência e maravilha, mas que, de pouquinho em pouquinho, vai se despedindo. Aqui, antes de todo o resto da capital, tudo vai parando e se fechando, com uma linda flor na qual faltou rego. Ao redor da lagoa, que é o centro desse outro Centro, se são 20h, aquele transporte público ruim quase não passa mais, e nesse horário, as próprias pessoas quase não passam mais. O calor e o preenchimento vão, também, de pouquinho em pouquinho dando lugar a ruas cada vez mais frias e desertas. E se você piscar os olhos e desviar a atenção por um único momento que seja, tudo que era vivo por aqui já se despediu e você nem teve tempo de dizer um último adeus.

Entristecido fica o Centro, ele sente falta de quem já esteve aqui, do encanto que não era só seu, mas também das pessoas que vinham e traziam consigo algo que, junto a todas aquelas ruas, calçadas e praças (agora carentes) faziam essa tal vida existir. Mas era óbvio que seria assim, como não haveria de ser? Toda vida que nasce, está destinada a morrer. Isso me lembra uma inspiração de Ariano - obviamente o Suassuna - que revela, não só a partida da vida humana, do ser, mas também daquela vida que está refletida no tempo e no espaço: “Cumpriu sua sentença encontrou-se com o único mal

irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre.”. E aqui, onde o sol nasce primeiro, essa vida sempre há de nascer de novo amanhã.

As novas cores da vida

Thalyta Maria Lucena Luiz

Era dia, o início de um novo ano letivo e pela primeira vez estudando no centro. Mas não para aquela jovem que aos 16 anos, atravessava os corredores do novo colégio carregando mais do que livros na bolsa, trazia consigo um histórico imenso de introspecção e amizades fadadas ao fracasso, traumas e desilusões que a deixavam mais familiarizada com as sombras de sua própria mente do que com os rostos ao seu redor. Aquela jovem preferia, até então, o silêncio compartilhado com os livros. Mas tudo estava para mudar.

Como uma planta que finalmente sente o calor do sol após um longo inverno, aquela jovem começou a perceber a vida se aproximando. Não foi como aquelas cenas de filme, em que tudo é transformado com a aparição de uma nova amizade. Foi algo sutil, mais real. Começando como uma conversa despreziosa sobre gostos musicais, seguida de encontros casuais nos corredores, que se transformaram em convites para sair juntas. Sem perceber, aquela jovem silenciosa começou a compartilhar risadas e momentos barulhentos com novas pessoas.

Pessoas essas que foram como chaves que abriam portas em sua vida, portas que ela nem sabia que estavam fechadas. Cada nova experiência, cada novo momento compartilhado, era como descobrir uma nova cor, uma nova palavra, uma nova música que tocava dentro de si. Descobrimo assim que a vida, tão cheia de nuances e possibilidades, estava bem ali, esperando por ela para acontecer.

Com suas novas pessoas, a jovem aprendeu a ver o mundo através de novas lentes, não apenas as suas costumesiras. Aprendeu que a introspecção e a solidão tem o seu valor, mas que compartilhar a vida com outros traz uma riqueza indescritível. Juntos, viveram aventuras fora de sua zona de conforto, mostrando que o medo do desconhecido era apenas um fantasma que desaparecia à medida que ela se aproximava.

Descobri também alguns dos prazeres mais complexos, talvez cedo demais do que deveria, como o torpor em seu corpo ao ficar chapada pela primeira vez ou rir de uma piada sem graça contada por um de seus amigos enquanto trocavam um baseado.

A jovem de 16 anos sentiu a vida chegar até si, nem sempre da melhor forma, mas com as melhores pessoas. A introspecção ainda era parte de si, mas ela não estava mais sozinha. Havia um mundo inteiro lá fora apenas esperando por ela. E, pela primeira vez, ela sentia que estava pronta para vivê-lo plenamente.

Esta é uma lembrança que, às vezes, tudo que precisamos é um empurrãozinho para ver o que está bem em nossa frente.

Hotel Globo: um olhar melancólico sobre o passado

Clara Amaral

Em meio a uma sexta-feira levemente chuvosa e quente, me vi perdida no centro da história e cultura de João Pessoa, escondidos em um espaço bonito e ao mesmo tempo assombrado. As ruas, que antes eram a concentração de imensas festas e passeios da alta sociedade paraibana, agora estavam abandonadas, sem rastros dos grandes que já passaram por ali. As casas, por anos lar de famílias felizes e tristes, locais onde a história foi feita, músicas foram compostas, a arte foi criada, casais se conheceram e se separaram, padrões foram rompidos e sonhos imaginados, resultaram em um grande espaço de muros vazios e o perigo à espreita na esquina.

Até onde iria a mesquinhez do ser humano para preferir lucrar em cima do que já é comum e desvalorizar a beleza do clássico? Onde, no alto de um lugar, um hotel que foi chamado de “Hotel Globo”, que continha a vista mais magnífica do pôr do sol que se podia imaginar, o barulho de um trem viajava para longe, o sino de uma igreja tocava

enquanto a soprano reverenciava a Santíssima Virgem Maria e os fiéis se benziavam. Mas nada disto se encontra mais lá.

Muito pelo contrário, ao se aproximar do Hotel Fantasma, você se deparará com uma magnífica fachada, mas, como também usada no sentido figurado, essa palavra representa também algo que não corresponde às qualidades reais de algo. Na calçada, estátuas desbotadas de homens que já partiram, e, por outra falha do homem, não identificados. Quem seria aquele pescador que foi tão importante para ser homenageado para a eternidade em bronze no exterior do topo da cidade? Pois bem, se você procurar bem, não achará respostas. Se perguntar, não há quem lhe responda, e, fácil assim, aquele pescador foi esquecido.

Lá dentro, há paredes brancas onde provavelmente grandes pessoas se encontraram, riram, brigaram e festejaram, mas também não há como saber, pois agora se resume a um vazio capitalizado com o pretexto de valorizar os artistas locais. A ação não está errada, não me entenda mal, mas será que aquele era o único local que aquela tentativa de mostra de arte poderia acontecer? Ou estão apenas tentando entreter a população para que eles esqueçam que alí naquela mesma rua, aquele pequeno mundo está se desfazendo?

E em meio a memórias trancadas em um segundo andar onde apenas os ventos podem entrar, antigos quartos esvaziados ou amontoados de entulho, ainda permanece o único rastro de vida que um dia alí passou e que não foi

mudado. Uma magnífica mangueira florindo no período de fartura nordestina, e, enquanto caminhava ao seu redor, admirada como aquela simples árvore nos aproximava tanto daquele período histórico e fazia tudo parecer mais real do que parecia, uma fruta caiu aos meus pés, uma manga de casca verde madura e suculenta, e eu, com minha imaginação de criança que cresceu assistindo à TV Cultura e se perdia com diversos novos mundos que existiam apenas em minha mente, interpretei aquilo como um pequeno presente daquela árvore que já alimentou diversas gerações que passaram ali no último século, de que sempre há esperança de tudo florescer novamente.

Ele já esteve aqui

Débora de Freitas

Era um desaparecimento, ele tinha acabado de chegar no centro, era tarde de um domingo e ele chegava a tempo de ver o pôr do sol, como costumava fazer, mas se surpreendeu ao chegar lá, não entendia o que estava acontecendo, não acreditava no que via, o Centro Histórico tinha sumido. Ele começou uma investigação e foi andando pelas ruas procurando evidências do que teria acontecido, encontrava alguns poucos indícios de lugares que provavam que o centro esteve ali.

Ele conseguia se lembrar perfeitamente de como era o centro, um local emblemático, que ele costumava visitar com seu pai, corria pelas praças quando era criança e ouvia as histórias sobre as arquiteturas, aquele lugar para o detetive era um lugar de tradição, memória e identidade, não acreditava que tinha desaparecido e estava obstinado em descobrir o que tinha acontecido. Cada passo da investigação o deixava mais intrigado, algumas pessoas com sua própria versão do que teria acontecido, e outras pessoas apenas ignorando o que aconteceu, era como se para elas não fizesse diferença, e isso

intrigava o detetive Reis, ele se perguntava como aquelas pessoas podiam andar por aí seguir suas vidas sem se importarem.

Durante a investigação ele não conseguia entender o que via, prédios abandonados, praças silenciadas, igrejas vazias. Ao redor ele observava evidências do que um dia teria sido o Centro Histórico, então começou a se questionar, será mesmo um desaparecimento? A medida do possível tudo parecia estar no seu devido local, mas a história parecia ter sido apagada e levado a essência do local.

Ele não descansaria enquanto não soubesse todos os fatos, o detetive Reis continuou dia após dia investigando, mas a cada dia que passava ele não encontrava nada, ele não tinha mais tempo, e começava a procurar suspeitos, investigava as especulações imobiliárias, depredações, negligências. O centro que já tinha séculos de existência, agora não era nada além de um bairro abandonado, não tinha como ser ações da natureza, alguém desejava apagar o centro histórico. E para algumas pessoas, ele tinha sido apagado.

Com dúvidas surgindo em sua cabeça, ele não sabia qual caminho seguir, poderia esquecer tudo e seguir sua vida como todos estavam fazendo ou procurar respostas, ele não podia deixar aquele lugar que fez parte de sua infância e adolescência sem entender o que aconteceu, ele precisava saber porque as pessoas não se importavam, ele precisava saber se o desaparecimento era um devaneio de sua cabeça.

Por mais que estivesse contestando o que parecia ser a realidade, ele sabia que o centro tinha desaparecido e precisava provar, procurando pelos bairros, ruas e alguém que o pudesse ajudar, alguém que se lembrasse o que era o Centro Histórico assim como ele lembrava, em busca de evidências que mostrassem que ele existiu e não era apenas aquelas ruínas, casas e praças abandonados, já houve vida naquele lugar, pessoas que se reuniam para ler, cantar, dançar, e visitar o local. O que parecia ser apenas esquecimento de todos para ele era um desaparecimento.

O limbo entre ser e o não ser

Lóren Stayner

Todo dia acordo cedinho, puxo o ar, encho-me de vida, e logo em seguida devolvo tudo à natureza. Penso: mais um dia longo e novo! Sempre amanheço cheio de expectativas, imaginando o que acontecerá no decorrer do dia. Vejo muita gente, escuto muitas conversas, presencio trocas de afeto, trocas de palavras e até trocas de farpas e indelicadezas quando acontece algum mal entendido no trânsito. Vivo junto e vivo só... e nesse passar dos tempos, anos, dias e segundos vou recordando o que eu já fui.

A saudade corre nas ruas e pulsa nas praças, não sei o que me tornei ou o que estou me tornando, mas sei que esse sentimento mexe comigo e me transporta para momentos nostálgicos. Hoje, vivo de lembranças do que eu fui. Vivo envolto em memórias, as mais variadas que podem existir. Recordo os cheiros e aromas que exalavam naqueles instantes joviais. O calor e a efervescência de quando eu existia latente e não era apenas cenário. Fui palco de grandes episódios e acontecimentos. Tenho em mim registrado traços do Colonial, do Barroco, do Rococó, do Neoclassicismo. Sou

uma extensão do passado que se torna presente porque insisto em ainda existir.

Tudo que me atravessou ainda pulsa aqui dentro e resisto porque sou forte, apesar das marcas do tempo, intemperismo e ações humanas. Fico à mercê das pessoas, das movimentações que propõem para mim, mas eu sempre estive aqui. Sempre fui peça chave e fundamental para o desenvolvimento de diversos setores. Permaneço na ânsia por movimento, para que o meu brilho seja reacendido, restabelecido. Que eu volte a ser palco, ambiente e habitat de vida que palpita por viver. Da euforia que toma conta do corpo quando os neurotransmissores são liberados. Lembro de ver rostos e corpos que exalavam endorfina, dopamina, serotonina e ocitocina, era lindo e radiante.

Os poros do corpo dilatados. Mistura de suor, calor, amores, toques, batidas e arrepios. Tudo isso em um só instante, o corpo chega a vibrar no compasso da orquestra que rege o vislumbre. No corpo choques de emoções, abalos, apegos e consciência íntima.

Tudo isso que um dia eu fui é memória viva e rememoração. Trago na mente a sinestesia do que eu vivi. Poesias, canções, amores e desencontros. Tudo isso fiz parte e presenciei, mas hoje sou apenas detalhe nessas histórias. Queria ser pertencente à totalidade.

Eu não só resisto como também insisto. Virei, em muitos aspectos, resistência. Na tentativa de um resgate que

estou indo atrás, novas agitações estão rolando, mas eu continuo abandonado. Chegam até ter medo de mim .

Vai chegando a noite. O dia passou. Acho que hoje teve mais movimento. Na real, eu não sei muito bem se o movimento de hoje foi melhor do que o dia ontem ou o de 15 dias atrás. Às vezes me perco no que é realidade e no que eu inventei, fico imerso nas minhas recordações, fico no passado, preso na ideia do que eu poderia ser, estar e sentir. Acesso em espaços, lacunas, brechas e nada de um reencontro, parece que estou esquecendo. Parece que estou esquecendo?

Ecoa em minha mente a ideia de estar vagando pelo limbo de lembrança que é vazia . Isso de possivelmente estar esquecendo me assombra. Atormento. Cotidianamente esse é o meu embate. Duelo com o apagamento, duelo com o medo de sumir por causa do apagamento.

Perdi noção de tempo, espaço e acho que também perdi personalidade, hoje tento me achar, reencontrar quem sou e o que sou, extravasar a potência em extensão que posso ser.

E eu continuo pulsando porque eu sou fatos, histórias e acontecimentos. Continuo pulsando porque eu sou a praça Antenor Navarro, sou a cachaçaria Philipéia, sou o Sabadinho Bom, sou a Casa da Pólvora, sou a Lagoa, o Ponto de Cem Réis, a vista que ofereço para ver o pôr do sol no Hotel Globo. Eu sou a magnitude e a imensidão.

Mesmo com noção do que sou e posso ser, entro em questionamentos, indagações e dúvidas. Fico pensando se

realmente serei completamente apagado, esquecido, largado. No âmago do meu eu, na essência do que eu sou é agudo o medo de não ser nada. Essas são as mais longas e dolorosas reflexões. E assim termino mais um dia, uma odisseia. Fecho os olhos. O último suspiro.

A maior pré-ocupação do mundo

Julia Batista

Na alvorada de fevereiro, as grandes caixas de isopor são meticulosamente preparadas para abrigar as latas de cerveja vazias que, curiosamente, funcionam como localizadores no meio da pré-ocupação alastrada em frente a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, na Praça Dom Adauto.

Pontualmente às sete da noite, um encontro peculiar acontece: sagrado e profano se reúnem vestidos de alegria. Os cafuços, sintonizam um bom brega, embalados pelo som da risada memorável de Corrinha. Tudo se pré-ocupa na alvorada de fevereiro.

Em meio a multidão, a moça de estilo irreverente e a ambulante do Baixo Roger, partilham de um diálogo frenético no que parece o desenrolar de um apetitoso e acessível “espetinho de gato”:

- Quanto tá o espetinho de carne?, pergunta a jovem.
- Oito reais, responde a ambulante.
- Faz dois por quinze?, sugere a irreverente.
- Só se for pra cafuçu!, retruca a vendedora.

Já era a terceira da noite pedindo a mesma promoção, mas a alegria da pré-ocupação ainda estava presente no coração de todos. Afinal, a alvorada de fevereiro é um momento único, que só acontece uma vez por ano.

Ainda bem que existe a danada da alvorada de fevereiro! Depois que ela passa não há mais pré-carnaval, nem pré-ocupação. Os voos de ida, voltam, e os isopores são guardados. Resta somente a preocupação da ambulante, que, ansiosa, intercede para o aniversário da Senhora Neves chegar logo.

Cidadão honorário

Vitória Lisboa

No coração de João Pessoa, nas ruas que de dia cheiram a café, e a noite um aroma de boêmia, vindo dos bares e bordéis que se espalham pelas alamedas desse cenário, no centro histórico, é onde vive Toscano, um homem de cinquenta e tantos anos, de cabelos grisalhos mas inteiros na cabeça, com o porte físico de quem não dispensa uma cerveja, e com uma lábia que chega antes em qualquer lugar do que os grandes dentes amarelados que carrega na boca.

Toscano é a personificação do centro, é a alma viva que circula por aqueles prédios todos os dias, como se pertencessem a ele, e de certa forma, meio que pertencem.

Acorda, pula da cama, veste sua bermuda cáqui, escolhe uma das suas muitas camisas do belo, calça as sandálias marrom surradas e apanha sua pochete companheira de anos, é esse o ritual para tomar um café pingado numa padaria próxima ao Ponto de Cem Réis e arriscar no jogo do bicho, mesmo sem ter dentro de si o mínimo rastro de esperança em ganhar, no fim das contas, é mais sobre a cerimônia de ter o que reclamar após perder.

Aposentado por invalidez, por um acidente de trabalho que faz questão de contar animado, até mesmo a quem não pergunte, pois perder o dedão da mão direita em uma das máquinas de uma fábrica, foi o que o deu a vida que ele nasceu pra ter.

Não há um ser humano que frequente aquele centro cotidianamente que não conheça esse figurão, as pessoas que ali convivem, já cansaram de ouvir a história de quando Toscano viajou para a Inglaterra sem gastar nada, pois estava sendo bancado por uma senhora mais velha que se envolveu amorosamente quando tinha vinte e oito anos, ou seu descontentamento sobre os anos que serviu ao Exército e teve que ser disciplinado, algo que segundo ele, nunca teve vocação.

Infinitas são as histórias ditas, e acompanhadas pelo mantra que carrega consigo: o tempo não perdoa quem não tem tempo.

Toscano é a pura presença urbana, é antigo e contemporâneo, Toscano é imortal como o centro.

Paraíba Palace

Alice Joplin

No centro da cidade, no calor abafado de João Pessoa, onde o sol nasce primeiro e envolve as ruas com toda sua intensidade, um hotel deslumbrante é erguido no Ponto de Cem Reis, como se fosse uma página amarelada que se estende por diversos capítulos da existência. As portas de madeira maciça ressoam como segredos guardados, enquanto as janelas são como olhos atentos que observam o transcorrer do tempo. Este é o Hotel das Saudades, onde as paredes ecoam narrativas entrelaçadas e a passagem dos anos é medida em suspiros sussurrados.

O Hotel é como um livro velho, com suas páginas gastas contendo narrativas de hóspedes do passado. A cada entrada, as portas se abrem para um novo capítulo, enquanto os corredores se estendem como se fossem linhas de uma escrita em andamento. Cada quarto é uma estrofe, onde os hóspedes contam suas histórias, tornando o hotel uma poesia viva.

Os corredores, ao contrário das estrofes, apresentam uma cadência própria. As tapeçarias desbotadas são versos

que narram o tempo. As poltronas gastas são estrofes onde o conforto é uma ótima rima. Os espelhos envelhecidos refletem não apenas as imagens, mas também os reflexos de vidas que já se passaram, criando um mosaico de experiências, como se fossem poemas visuais.

O faxineiro Edson Valério é a metáfora da alma do hotel. Suas mãos enrugadas, como páginas amareladas, manuseiam com carinho as chaves antigas. Cada chave como um verso, abre as portas de quartos que contam histórias de romances efêmeros e despedidas sentidas e que agora só são salas jurídicas. "O Hotel das Saudades é um livro aberto", ele murmura, com um brilho nos olhos que carrega o peso de muitas histórias da sua infância e vida adulta trabalhando em um ponto de referência turístico da cidade que hoje é Procuradoria Jurídica da Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba .

À medida que o sol se põe, o Hotel torna-se um poema noturno. As luzes que se acendem do Ponto de Cem Reis no final da tarde proporcionam uma melodia delicada.

Ao deixar o Hotel, carrego mais que a bagagem física. Levo as lembranças como versos gravados na alma, e os suspiros que ecoam nas paredes são como um som suave que me acompanhará.

Enquanto as portas se fecham suavemente, sinto-me como o último verso de um poema, pronto para ser guardado nas páginas do Hotel das Saudades. Este lugar, com suas

metáforas vivas e narrativas entrelaçadas, é mais do que um destino; é uma jornada lírica em que o tempo, tal como um poeta paciente, continua a produzir suas estrofes gloriosas.

Brownies normais

Vitória Sodré

Clara era uma jovem de sorriso contagiante, cabelos cacheados e olhos cheios de paixão. Seu amor pela culinária nasceu na infância, quando aprendeu os segredos da cozinha com sua avó, especialmente a receita de brownies que se tornou sua marca registrada. Ela conquistou uma vaga em uma faculdade particular, decidindo aproveitar sua habilidade culinária para custear os estudos, vendendo seus famosos *brownies* que sempre encantaram amigos e família.

Começou a vender nos locais mais movimentados de João Pessoa, orla do Cabo Branco, Integração e no Sabadinho Bom, que em especial trazia interações interessantes.

As pessoas se aproximavam, olhavam desconfiadas para os brownies e perguntavam: "É *brownie brownie* ou *brownie normal*?". Clara sempre respondia com um simples e sincero "é normal". No entanto, muitos desistiam da compra...

Clara não entendia por que as pessoas pareciam tão surpresas e decepcionadas com a normalidade de seus produtos. Ela utilizava ingredientes da mais alta qualidade e uma receita que aprendera com sua avó, garantindo um sabor

simplesmente divino. Mas a reputação do Sabadinho Bom é de ser um local onde o "normal" raramente se destaca.

Um dia, após observar diversas pessoas desistindo de comprar seus doces “normais”, Clara decidiu agir. Ela pegou um pedaço de cartolina e, com letras grandes e coloridas, escreveu em sua placa: "*Brownie* Normal". Mas, para ter certeza de que todos iriam entender, acrescentou em letras menores: "Sem surpresas".

A mudança na placa pareceu surtir efeito. As pessoas agora viam a frase com curiosidade e até mesmo com um toque de humor. Clara percebeu que, de certa forma, estava usando a própria ironia para atrair clientes. E funcionou.

As pessoas começaram a se aproximar com sorrisos nos rostos. Alguns até mesmo comentavam entre si, dizendo que era refrescante encontrar algo verdadeiramente normal no Sabadinho Bom.

Assim, a cada sábado, Clara continuava a vender seus “*brownies* normais”, com um brilho nos olhos e a certeza de que, mesmo em um evento tão alternativo, sempre haveria espaço para o simples e reconfortante. E, é claro, para aqueles que preferiam uma dose de normalidade.